

Trajetória Do Cinema Brasileiro E Sua Influência Na Sociedade Contemporânea¹

Christian Lima do NASCIMENTO²

Larissa Tavares CERDEIRA²

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO: O cinema é capaz de influenciar ações, pensamentos e comportamentos. É uma referência de suma importância para a sociedade como forma de expressão. E a nossa arte não deixa a desejar. O cinema brasileiro, apesar de pouco valorizado em alguns momentos, possui um potencial avassalador. É possível claramente notar essa qualidade em nossos roteiros e, principalmente, em nossos atores.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema brasileiro; arte; Brasil; evolução; diversidade.

O medo faz parte da nossa natureza e está descaradamente nítido a cada hipótese de mudança e de sair do lugar comum. Contudo, é necessário acreditar em seu potencial. É preciso coragem para chegar até a borda e então descobrir que é possível voar. Temos que dar a chance de fazer o cinema brasileiro chegar até a borda para então percorrer os ares de onde quiser, pois o nosso cinema possui muito potencial. Mas antes é preciso organizar o filme que passa em nossas mentes quando pensamos em cinema. A possibilidade de nós, brasileiros, classificarmos a indústria cinematográfica brasileira como ruim é enorme. O nosso cinema vem enfrentando dilemas econômicos, políticos e estéticos, mas em contrapartida, vem tentando reconquistar o público e se estabelecer em nosso cenário cultural. De modo a ilustrar essa ideia do medo e a iniciativa que estamos tentando passar com esse ensinamento de “chegar até a borda” para observar que existem um mundo de possibilidades e, possivelmente, cultura, trazemos para o artigo a opinião do escritor Apollinaire a respeito dessa pauta:

“Cheguem até a borda. Ele disse.

Eles responderam: Temos medo!

Cheguem até a borda. Ele repetiu.

¹Artigo apresentado na disciplina de Produção Científica do curso de Publicidade e Propaganda da PUCPR, realizado no dia 12 de junho de 2015.

²Estudantes de Publicidade e Propaganda da Pontifícia Universidade Católica do Paraná sob orientação da professora Débora Matos. E-mail: christiandelima@hotmail.com/ larissacerdeira@hotmail.com

Eles chegaram.

Ele os empurrou...

E eles voaram!”

Apollinaire

É fato que de um modo geral, menosprezamos o nosso cinema e enaltecemos o dos outros países. Logo, é válido ressaltar que estamos passando por um período de construção e em busca de uma melhora gradativa. É importante também lembrar que já percorremos uma boa parte deste trajeto, mas ainda precisamos ter consciência de que ainda há uma longa caminhada pela frente. Se quisermos crescer, precisamos nos tornar novatos várias vezes. Afinal, tudo o que vale a pena ser feito, vale a pena ser mal feito até que se aprenda a fazê-lo com excelência. Inclusive quando se está em questão a história do cinema brasileiro.

É possível afirmar que quase presenciamos o velório do cinema nacional no começo da década de 1990. Mas, exatamente como uma fênix renasce das cinzas, o cinema brasileiro se reconfigurou. Chegou no fundo do poço e pegou um belo de um impulso para voltar à tona com tudo, crescer e se estabilizar. Sendo que esta estabilidade se torna ainda mais concreta com o famoso filme *Cidade de Deus* (2002), dirigido por Fernando Meirelles, onde o enredo gira em torno do dia-a-dia dos moradores de uma favela localizada no Rio de Janeiro, chamada Cidade de Deus. Um mundo aparentemente condenado por uma violência infinita, transmitida em um filme que foi um sucesso contribuindo grandemente para o nosso crescimento cinematográfico profissional. A respeito dessa explosão da violência relatada no longa e a imagem predominante do Brasil no exterior em virtude da influência do cinema, o professor e pesquisador norte-americano, David W. Foster, constata:

A violência é a questão central. A América Latina é vista como um continente de violência. Os Estados Unidos veem o subcontinente como fonte de violência e uma ameaça aos seus cidadãos, mas isso não é só associado ao Brasil, mas a todos os países da região, o que é tão falho quanto a ideia dos americanos de que se fala espanhol no Brasil. O México é somente um canal dessa violência, e isso gera fascínio pelos filmes violentos desses países, como *Cidade de Deus* e *Tropa de Elite*. (BALLERINI, F. *Cinema Brasileiro no Século 21*, 2012, p. 204).

Para elevar ainda mais a autoestima do nosso cinema, em 2007 chega com tudo o sucesso *Tropa de Elite*, que posteriormente foi repercutido em vários países. Dirigido por José Padilha e privilegiado com um elenco maravilhoso, contando com a presença do ilustre Wagner Moura, dando vida ao Capitão Nascimento com excelência. O ator conseguiu

mostrar ao mundo através de seu personagem a qualidade e o destaque que o Brasil possui, com atores e diretores talentosíssimos.

O nível de satisfação com o nosso cinema ganhou alguns pontinhos com a chegada desses filmes, contudo, mesmo tendo grande sucesso em nosso país, ainda há essa rixa e um ideal para chegarmos aos pés do cinema de Hollywood, o que particularmente consideramos um exagero. Essa perspectiva é adotada no livro: *Cinema de novo - um balanço crítico da retomada*, de Luiz Zanin Oricchio, onde é demonstrado com maestria essa questão do *Eu e o Outro*, que inclusive é um capítulo onde é analisada a imagem do cinema brasileiro num parâmetro internacional e há uma idealização do eu nacional. Levando em conta claro, a nossa realidade e o modelo padrão do cinema de fora, tanto quanto seus lados positivos e negativos.

No período entre as décadas de 1930 e 1960, era muito comum no Brasil filmes que englobavam o gênero de humor ingênuo, burlesco. Essa preferência pela comédia era baseada nos gostos de uma sociedade que frisava se divertir por meio de filmes que obtinham um certo caráter popular, e esse contexto da arte era chamado de chanchada. Voltando a falar do capítulo “Eu e o Outro”, do livro *Cinema Brasileiro*, é possível fazer uma certa comparação entre a ideia do “eu nacional” apresentada no capítulo por Antonio Moreno e a tese de João Luís a respeito das neo-chanchadas, segundo a qual:

[...] este tipo de paródia apenas faz com que o espectador glorifique ainda mais o cinema de Hollywood, como o único, autêntico e legítimo cinema, reconhecendo a incapacidade brasileira de copiar “bem”. Tal tipo de paródia trabalha duplamente contra o cinema brasileiro. Por um lado, reaviva um velho preconceito segundo o qual o filme brasileiro é ruim, e, por outro, autoriza consequentemente uma certa prática dominante, a do filme clássico-narrativo americano, da superprodução, do filme de efeitos técnicos, como válida, legítima, autêntica, reconhecendo a eficiência de linguagem de um cinema opressor. Ao cinema brasileiro restaria apenas uma gargalhada à sua incompetência (MORENO, A. *Cinema Brasileiro*, 1994, p. 130).

Analizamos que para que sejam produzidos novos filmes com tamanha influência quanto esses, não é necessário muito, apenas precisamos não elevar as expectativas e exigências com o nosso cinema para um nível inalcançável, pois contamos e somos privilegiados com excelentes profissionais, basta pararmos de nos preocupar com o outro e perceber de fato o quão valioso é o diamante que temos em mãos. E para torná-lo ainda mais valioso, o mesmo precisa ser lapidado e é claro, esse processo não se concretiza do dia

para a noite. Porém, pode-se contar com uma certeza: esse diamante ainda tem muito espaço e lugares para brilhar intensamente.

Se fôssemos definir a trajetória cinematográfica brasileira, caberia dizer que o nosso cinema foi, de certa forma, pouco valorizado a medida que foi crescendo e tomando espaço. Voltamos no tempo, em meio ao surgimento dessa indústria da arte aqui no Brasil, o papel da crítica se destacou de uma maneira que contribuiu demasiadamente para o que hoje entendemos como cinema brasileiro. Expliquemos melhor, a crítica é um ponto de extrema importância e que contribui para se ter uma avaliação técnica de determinado processo político ou cultural. E, ao mesmo tempo, uma crítica influencia na visão que uma obra passará em virtude de sua avaliação. É como pensar na carteira de identidade de uma pessoa, esse documento diz o que a pessoa é, apesar de ser de uma forma resumida e um tanto quanto superficial, mas diz. O mesmo pensamento pode ser aplicado a crítica de um filme, por exemplo. A crítica, terá a função de dizer sobre o que se trata o filme, seu enredo, roteiro, enfim, um amontoado de descrições que fará, posteriormente, o leitor entender as principais informações que ele precisará saber no momento de decidir se verá ou não o respectivo filme.

Em função da importância da crítica e o reflexo que a mesma causava na indústria cinematográfica brasileira, as pessoas não demonstravam tanto interesse no próprio cinema. E pode-se dizer que essa provável falta de interesse era resultado de dois principais fatores: o estereótipo negativo e negligenciado que as obras passavam, tudo isso em função da crítica que nossos trabalhos recebiam; e o pouco apoio cultural que o governo demonstrava. Resumindo, havia uma falta de interesse considerável da parte da população e isso é uma pena, pois não foram oferecidas muitas oportunidades para que o povo pudesse e tivesse interesse suficiente de querer conhecer uma obra preferivelmente nacional. O cinema brasileiro é bonito e exibe talento, é rico e cheio de conteúdo, mas, infelizmente, essas características foram pouco exploradas nesses primeiros anos. Paremos para pensar de forma lógica por um instante, se não existe apoio e há falta de interesse em querer buscar formas de absorver repertório e conteúdo em um local, buscaremos conseguir e nutrir essas necessidades culturais de uma outra forma, não é mesmo? E é aí que as influências cinematográficas estrangeiras tomam espaço, é a partir desse momento que nos apoiamos nos conteúdos de outros países com o objetivo de suprir nossos desejos artísticos. A arte estrangeira, além de crescer e tornar-se influente em todo o mundo, é protagonista de um sucesso arrebatador resultante de uma legião de fãs e seguidores.

É importante deixar claro que essa visão pouco explorada do cinema brasileiro vai mudar. Felizmente, ao passar dos anos, o desenvolvimento cinematográfico irá se expandir e o resultado será surpreendente. A estética do nosso cinema se resumirá em um apoio fiel a realidade do nosso país e, conseqüentemente, o roteiro acompanhará essa direção. Abordaremos temas que serão fruto da realidade de um país, onde existem crimes e drogas que pertencem a um contexto tão próximo e ao mesmo tempo, tão cultural.

A INFLUÊNCIA ARTÍSTICA BRASILEIRA

Como comentado durante esse artigo, a trajetória do cinema brasileiro é recheada de “altos e baixos” e, infelizmente, não tivemos um bom começo nesse meio artístico. Contudo, felizmente essa perspectiva não insistiu em permanecer. Durante o passar dos anos e em meio ao desenvolvimento da nossa cultura cinematográfica, podemos dizer que o Brasil evoluiu, e muito. No final da década de 90, mais precisamente em 1998, o Brasil deu um salto e obteve sucesso em virtude do longa *Central do Brasil*, dirigido por Walter Salles. Vale ressaltar que o filme é uma coprodução entre o Brasil e a França, porém, o reconhecimento brasileiro pelo sucesso tem total apoio. Em síntese, é relatada a história de uma mulher que trabalha escrevendo cartas para analfabetos na estação Central do Brasil, no Rio de Janeiro. E o desenrolar da trama se passa com a escritã ajudando um menino que, após ter perdido sua mãe em um atropelamento, tenta encontrar o pai que nunca conheceu, que vive no interior do Nordeste. O filme revela e conta como é a vida de pessoas que migram pelo país na tentativa de conseguir melhores qualidades de vida ou mesmo, ter a oportunidade de poder rever parentes que foram deixados para trás com o passar dos anos. Abrindo um parênteses nessa discussão, o longa estrelado pelo ícone da cinegrafia brasileira, Fernanda Montenegro, possui, de certa forma, uma certa semelhança com o enredo da obra *Vidas Secas*, escrita pelo romancista Graciliano Ramos. Passado no sertão nordestino, o livro conta a história da trajetória de uma família humilde que, por não possuir recurso algum de sobrevivência e, por encararem um período de seca, são obrigados a se retirarem de seu local de origem e caminharem em busca de melhores condições de vida. Essa essência de sobrevivência e a realidade do sertão nordestino são os principais fatores que facilitaram na possível comparação que foi feita entre o livro *Vidas Secas* e o filme *Central Brasil*.

Em relação aos atores brasileiros, há uma dama da dramaturgia nacional que temos de certo modo, a obrigação de comentar um pouco sobre sua trajetória cinematográfica.

Arlette Pinheiro Esteves Torres, mais conhecida pelo nome artístico, Fernanda Montenegro, é uma das atrizes mais influentes do Brasil. Em seus mais de sessenta anos de carreira, já foi indicada e premiada por suas performances e obteve resultados tanto nacionais como internacionais. É a única brasileira a ser indicada ao Oscar de melhor atriz por sua interpretação no filme *Central do Brasil* (1998) e também, a primeira brasileira a ganhar o Emmy Internacional na categoria de melhor atriz pela atuação no longa *Doce de Mãe* (2013). Importante mencionar também que, em 2013, Montenegro foi eleita a 15ª celebridade mais influente do Brasil pela revista Forbes. É de se notar o renome e o destaque que essa atriz possui em virtude de seus trabalhos, é uma personalidade completa. Suas interpretações são tão precisas e tão envolventes que, a essência do roteiro transparece em suas performances. Uma atriz que possui a capacidade de nos envolver a cada cena, a cada corte e a cada ato.

A indústria cinematográfica brasileira tem o privilégio de poder contar com uma atriz desse porte, uma atriz que faz jus ao nome e, bravamente, contribuiu e contribui para que a perspectiva do cinema brasileiro seja cada vez mais valorizada, tanto nacionalmente, quanto internacionalmente. A partir de trabalhos como os de Fernanda Montenegro, pudemos perceber e ver o quanto o Brasil é rico. Rico em seu povo, em sua cultura e, principalmente, em sua arte.

O CINEMA BRASILEIRO E A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Há quem diga que o cinema brasileiro é um espetáculo, contudo, para Vladimir Maiakovski, o cinema é uma visão do mundo. Feliz em sua colocação, hoje é possível cada vez mais afirmar que o cinema tem se tornado mais do que entretenimento, uma alternativa disponível em uma seção que torne possível se desligar por um instante da correria do trabalho, casa, faculdade e tarefas que nos envolvem rotineiramente. Ultrapassando as barreiras da poltrona, cortina, telão, filme, refrigerante e pipoca, o cinema em si vem adquirindo um potencial absurdo quando é colocado em pauta uma simples palavra que por sua vez tem grande influência na vida das pessoas, a famosa comunicação.

O cinema é utilizado cada vez mais para trazer uma mensagem e sendo alvo de muitas ações como a do *Project Water*, por exemplo, onde foram distribuídas garrafinhas de água para os telespectadores presentes na seção, contudo, as garrafas possuíam um pequeno detalhe, não era possível abri-las, pois estavam propositalmente lacradas. Então, após alguns minutos, a tela do cinema é invadida por imagens de crianças que para conseguirem

pegar água precisam andar quilômetros e quilômetros para chegarem no rio. Posteriormente, uma frase para reflexão os impactou mais diretamente: “Se está difícil para você conseguir ter acesso a água, imagine para essas pessoas. Preserve esse bem tão valioso!”. Importante notar aqui que o cinema está se tornando um aliado muito poderoso quando se trata de comunicação e, por consequência, veiculação. O interessante e inovador foi o tamanho da repercussão que a campanha causou. Por isso repetimos, é importante saber usar o local exato para se propagar a mensagem e, nesse caso, o cinema foi escolhido de maneira impecável. Desta forma, em uma ação, fica exposto com mais veemência a importância do modelo de Lasswell na hora de transmitir a mensagem, levando em consideração as seguintes perguntas básicas: Quem? Diz o que? Em que canal? Para quem? E com quais efeitos? Pois toda mensagem produz em cada indivíduo sensações diferentes, e como o cinema abrange um grande público, cada vez mais tem se tornado uma poderosa ferramenta para que diminua grandemente a possibilidade de ruído no processo de comunicação entre o emissor e o receptor.

Uma outra ação que repercutiu bastante e obteve um grande impacto além de um retorno positivo, foi a da Volkswagen para conscientizar as pessoas a não usarem o celular enquanto dirigem. Através de um aplicativo, a produção conseguiu coletar o número do celular de todas as pessoas que estavam prestes a assistir à seção em questão. Antes de iniciar o filme, foi projetado na tela do cinema um carro trafegando em uma rodovia. Do ângulo exposto era perceptível que você estava no carro e para ser mais específico, você era o motorista. Então, quando menos se espera, todos recebem ao mesmo tempo uma mensagem no celular e automaticamente tiram o foco da imensa tela a sua frente para dar vez a tela do celular. E, para o espanto da grande maioria dispersa, o carro bate e todos se dão conta da importância de não perder o foco e se concentrar fielmente na direção.

Sim, foi uma ação relativamente simples, se é que assim podemos afirmar. Porém, obteve um excelente resultado de conscientização, onde novamente o cinema foi escolhido e obteve sucesso como de costume, resultando em um retorno positivo. O cinema está sendo cada vez mais frequentado, proporcionando assim um público maior reunido em um mesmo local podendo ser impactado de diversas formas, principalmente nesta sociedade contemporânea que reúne uma diversidade absurda de pessoas, onde ao transmitir a mensagem diversos fatores são levados em consideração, como a faixa etária, costumes, crenças, sexo, interesses pessoais, enfim, de um modo geral, o que realmente importa é conseguir atingir esse público com eficácia.

Walter Lippmann, certa vez disse: “Cada um de nós carrega nosso próprio mundo em nossas cabeças.”. Assim, na sociedade de hoje, o cinema como uma vertente da comunicação, além de um simples filme e alvo de ações, tem tido grande influência na questão de opiniões, gostos, ideias e paradigmas, além de ser um ótimo instrumento capaz de ajudar as pessoas a colorir seus sonhos e colorir com cores brilhantes, nítidas e belas. Afinal, como já disse o famoso Tomás de Aquino: “Nós dominamos as coisas não como elas são em si mesmas, mas como elas são em nossa mente.”

Para ter conexão com outra pessoa é necessário entrar no seu modelo de mundo, levando em consideração que esse modelo de mundo varia para cada indivíduo. Logo, nós publicitários nos preocupamos muito além da comercialização de um produto. Lidamos com sonhos, metas, objetivos e conquistas do nosso consumidor e para conquistá-lo precisamos muito mais do que um bom layout, uma boa ação, um alto poder de persuasão, uma campanha interessante e um material bem diagramado. Precisamos ser como o cinema, um espetáculo, uma nova maneira de ver o mundo. Deixar um legado a cada filme, proporcionar uma diversidade de gêneros e então, conseqüentemente, nos tornar imagem em movimento, para que se torne possível a transmissão do filme da nossa própria história, de modo que impacte as outras pessoas.

SUCESSOS DE BILHETERIA EM 2014

Em 2007, foi praticamente impossível segurar a repercussão que o filme *Tropa de Elite* causou, e isso foi ótimo. Hoje, o filme até ganhou uma paródia, se é que assim pode-se classificar. Sem perder o bom humor de costume, foi lançado em 2014 o longa *Copa de Elite*, uma comédia dirigida por Vitor Brandt, contando com a presença de Marcos Veras, Rafinha Bastos, Anitta, Alexandre Frota e outras personalidades brasileiras que enriqueceram o elenco. De modo geral, o filme que ficou entre os dez maiores sucessos de bilheteria do ano, com um público entorno de 646.224 pessoas e obteve uma arrecadação de aproximadamente R\$7.793.226,00, retrata a história do policial Jorge Capitão (Marcos Veras) que almeja combater o crime no Rio de Janeiro custe o que custar. Um ídolo brasileiro que, após salvar o maior craque argentino de um sequestro na véspera da Copa do Mundo, acaba se tornando o inimigo número 1 da nação. Um destaque do filme é que o mesmo envolve vários filmes e celebridades brasileiras que fazem parte do repertório da população do nosso país, como por exemplo, algumas encenações cômicas dos filmes: *Minha Mãe é uma Peça*, *Se eu Fosse Você* e *Bruna Surfistinha*. Uma versão inédita do

original *Tropa de Elite*, que transmite aos telespectadores praticamente a mesma essência do filme original, porém, de um outro ponto de vista, o satírico.

Liderando o ranking da bilheteria, encontramos mais uma comédia, o que comprova a preferência da população brasileira por um filme que as faça sorrir. Atingindo mais de dois milhões de pessoas, o filme *O Candidato Honesto*, privilegiado por ser protagonizado pelo encantador Leandro Hassum e dirigido por Roberto Santucci, gira em torno da rotina do candidato João Ernesto, que está no auge da sua carreira e prestes a vencer o segundo turno das eleições, porém, sua carreira e rotina passam por um certo imprevisto, o candidato acaba recebendo uma “maldição” de sua avó e a partir de então não consegue mais mentir em seus discursos. Se ele ganhou as eleições ou não? Claro que não vamos contar. Afinal, queremos lhes incentivar a consumir cada vez mais o nosso cinema, e se contássemos o desfecho dessa história, não haveria graça alguma assisti-la.

Levando em consideração não apenas os filmes produzidos em nosso país, podemos perceber que o consumo do cinema nacional aumentou e vem crescendo muito nos últimos anos. Contudo, se formos comparar, os resultados adquiridos são assustadores. No Brasil, o filme mais assistido em 2014 foi *A Culpa é das Estrelas* e o número de pessoas é praticamente o triplo das que assistiram *O Candidato Honesto*. Em relação ao consumo dos filmes estrangeiros, dados comprovam que mesmo o que ficou na décima colocação, que foi *Planeta dos Macacos: O Confronto*, atingiu praticamente o dobro de espectadores que o filme nacional localizado no topo do ranking. Entretanto, essa perspectiva é baseada em dados. Não podemos reclamar, pois hoje o número de pessoas que assistiram pelo o menos a um filme nacional nas telas do cinema é bem maior do que há dez anos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E ANÁLISE DOS RESULTADOS

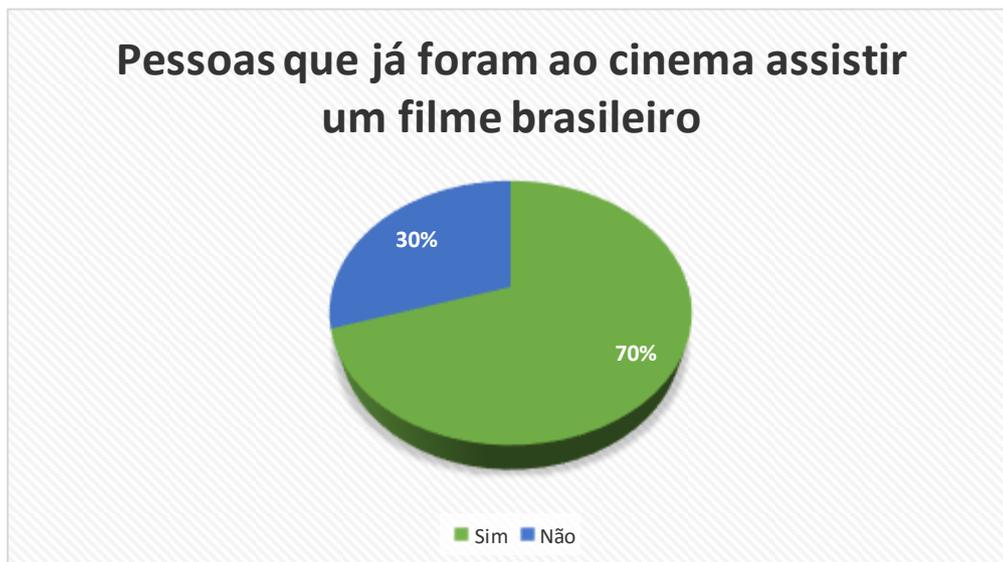
Para que se tornasse possível a análise em relação ao pensamento da população sobre o nosso cinema, fomos as ruas em Curitiba/PR, para coletar informações a respeito desse assunto que tanto nos interessa. Inicialmente elaboramos uma pesquisa qualitativa onde perguntamos o que as pessoas achavam do nosso cinema, os pontos positivos e negativos, atores que lhe chamavam a atenção e filmes que obtiveram sucesso e que influenciaram de alguma maneira o modo de agir da sociedade. E as respostas assim se desdobraram:

O filme que marcou o nosso cinema sem dúvidas foi o *Tropa de Elite*. Acho que mostrou bem a realidade do nosso país, tudo o que vivenciamos, pelo menos no Rio de Janeiro. E sem falar da

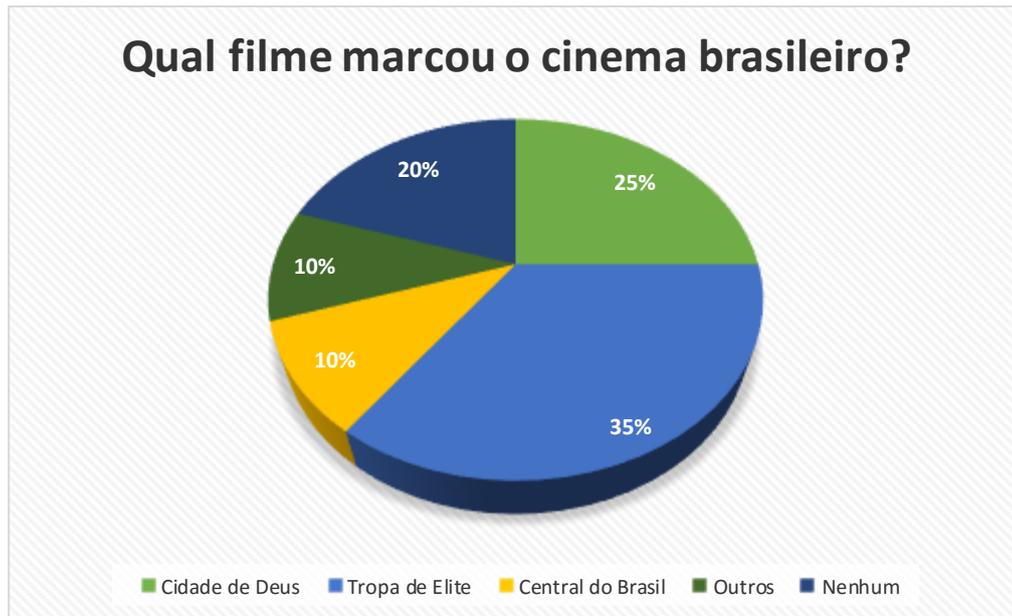
fantástica atuação do Wagner Moura, que ao meu ver foi um show à parte. (Anna Maria Ribeiro).

Foi possível perceber que algumas pessoas possuem certa admiração pelo nosso cinema. Pessoas que acompanharam sua trajetória e perceberam a sua evolução. Contudo, não podemos tapar o sol com a peneira e não observar o outro lado da moeda, pois existem pessoas que acham o cinema brasileiro muito ruim e são convictas de que é necessário melhorar muito: “Os filmes brasileiros são muito ruins. Eu prefiro os de fora.” (Antônio Jairo).

Partindo para uma pesquisa quantitativa, perguntamos para uma amostra de duzentas pessoas com faixa etária entre 18 (dezoito) a 65 (sessenta e cinco) anos se alguma vez elas já foram ao cinema assistir um filme brasileiro. O resultado podemos analisar com mais clareza no gráfico a seguir:



Depois do resultado obtido, foi possível verificar que dos duzentos entrevistados, sessenta nunca assistiram a um filme brasileiro no cinema. Posteriormente, elaboramos mais uma pergunta, onde também é possível analisar no gráfico abaixo:



O resultado obtido foi bem o que esperávamos com base em nossos estudos, a pesquisa apenas comprovou. Quando é colocado em questão os filmes que marcaram o nosso cinema, os dois primeiros filmes mais lembrados e reconhecidos foram o *Cidade de Deus* e *Tropa de Elite*.

Não é à toa que esses são os primeiros filmes a vir na mente da população, pois realmente são dois excelentes sucessos que tiveram uma repercussão gigantesca. O filme *Cidade de Deus* teve indicações ao Oscar nas categorias de melhor direção (Fernando Meirelles), roteiro adaptado (Bráulio Mantovani), fotografia (César Charlone) e edição (Daniel Rezende). Sem falar que na associação de críticos o longa recebeu o prêmio de melhor filme estrangeiro das associações dos críticos de Nova York, Ohio Central, Chicago, Dallas-Fort Worth, Las Vegas, National Board of Review (Top 5), Críticos On-line, Phoenix e do Sudoeste dos EUA.

Não foi apenas no cinema brasileiro que *Cidade de Deus* teve impacto. Sua influência é visível em pelo menos dois filmes que tiveram grande repercussão internacional nos anos seguintes ao lançamento do longa de Fernando Meirelles. O caso mais polêmico é o de *Quem Quer Ser um Milionário?* (2008), vencedor de oito Oscars, incluindo melhor filme e direção, concedido ao cineasta britânico Danny Boyle. Da narrativa fragmentada, não cronológica, ao próprio enredo, que conta a história de meninos de rua marginalizados em Bombaim, na Índia, há vários pontos em comum com *Cidade de Deus* (Paulo Camargo).

Com *Tropa de Elite* o sucesso não foi diferente. Contando com a premiação de melhor ator (Wagner Moura), melhor direção de fotografia (Lula Carvalho), melhor montagem de ficção (André Rezende), melhor direção (José Padilha) dentre outros. Um filme que está presente na mente das pessoas e que ganhou espaço, dando uma nova cara e trazendo uma expectativa de evolução para o nosso cinema.

"[...] o filme não concede válvulas de escape ao retratar como a criminalidade degradou o país de alto a baixo. O pesadelo real ganha ainda mais nitidez. A sociedade brasileira, pelo jeito, ansiava por esse tapa na cara dado pelo capitão Nascimento, [...]". (Veja, 2007, p.82.).

Assim, é possível concluir que nesse século o cinema brasileiro veio com tudo, superando expectativas e agradando boa parte de seu povo. Os atores, diretores e produtores vem ganhando cada vez mais espaço e reconhecimento no mercado. Nosso cinema tem sido mais reconhecido e admirado com o passar dos anos, sua evolução tornou-se imensamente perceptível. Hoje, podemos afirmar que o pensamento em relação ao cinema do nosso país já não é mais antiquado e quadrado. Paradigmas foram quebrados, desafios superados e expectativas supridas a cada filme que rodava nas telinhas. *Tropa de Elite* e *Cidade de Deus* foram o ápice do nosso sucesso, presente na memória de nosso povo ainda hoje.

A trajetória do nosso cinema é admirável. Repleta de altos e baixos, assim como a roda gigante da vida, superou os desafios e se manteve vivo em meio a concorrência. Em um quadro em preto e branco, ganhou visibilidade com cores repletas de talento e dedicação de cada profissional. Superação, seu ponto forte. Um mal início, seu ponto fraco. Seu diferencial, a persistência. Afinal, não estamos falando de qualquer cinema, estamos falando do cinema onde o povo não desiste nunca, o cinema do povo brasileiro.

REFERÊNCIAS

MORENO, A. **Cinema brasileiro: história e relações com o Estado**. Niterói, RJ: EDUFF, 1994.

MOURA, R. **História do cinema brasileiro**. São Paulo, Brasil: Círculo do Livro S.A., 1987.

ORICCHIO, L. **Cinema de novo: um balanço crítico da retomada**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

LABAKI, A. **O cinema brasileiro**. São Paulo: Publifolha, 1998.

MAGALHÃES, M. **Retomando a questão da indústria cinematográfica brasileira**. Brasil: Tela Brasilis Associação Cultural, 2009.

BUTCHER, P. **Cinema brasileiro hoje**. São Paulo: Publifolha, 2005.

BALLERINI, F. **Cinema brasileiro no século 21**. São Paulo: Summus Editorial, 2012.

DIAS, R. **O mundo como chanchada**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.